

RELATÓRIO PIB AGRO-BRASIL



Julho de 2013

GDP Agribusiness – Brazil Outlook



Relatório PIB Agro-Brasil

GPD AGRIBUSINESS – BRAZIL OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Brasil é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária básica ou, como também é chamada, primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) distribuição. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o setor agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se, portanto, o uso do relatório mais atualizado.

Os cálculos sobre a variação do *volume* partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

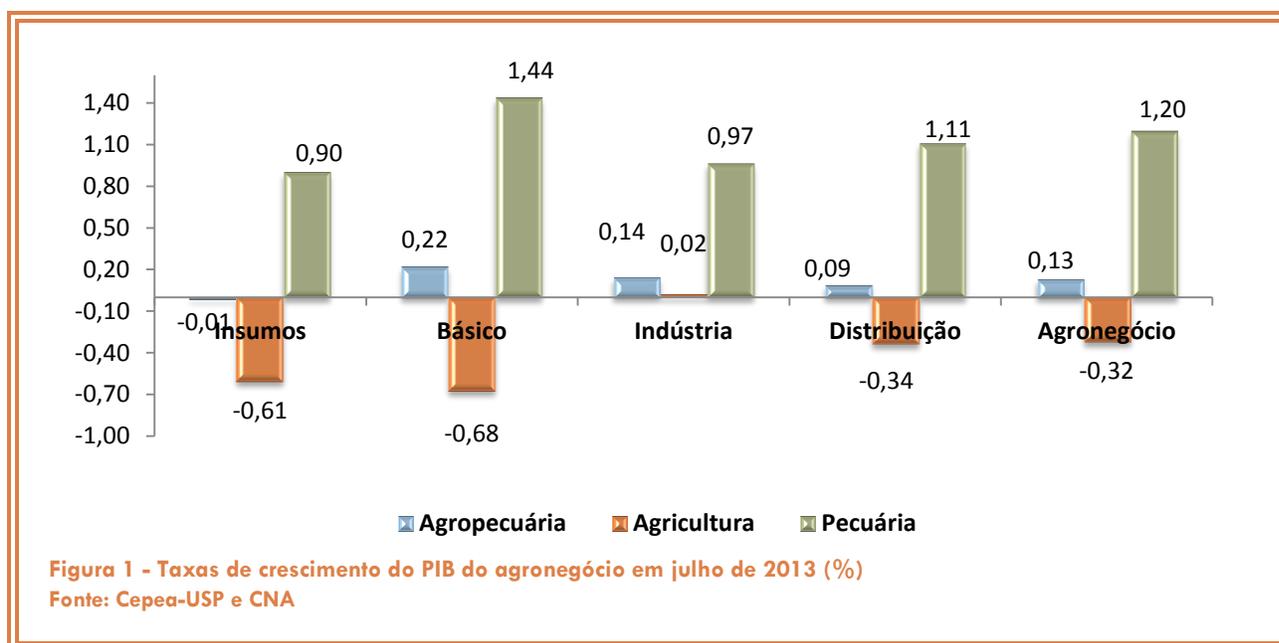
Equipe Responsável: *Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D.*, Pesquisador Chefe/Coordenador Científico do Cepea/Professor titular Esalq/USP; *Adriana Ferreira Silva, Dra.*, *Arlei Luiz Fachinello, Dr.*, *Fernanda Ultremare, Ms.* e *Nicole Rennó Castro, Bel.*, Pesquisadores do CEPEA

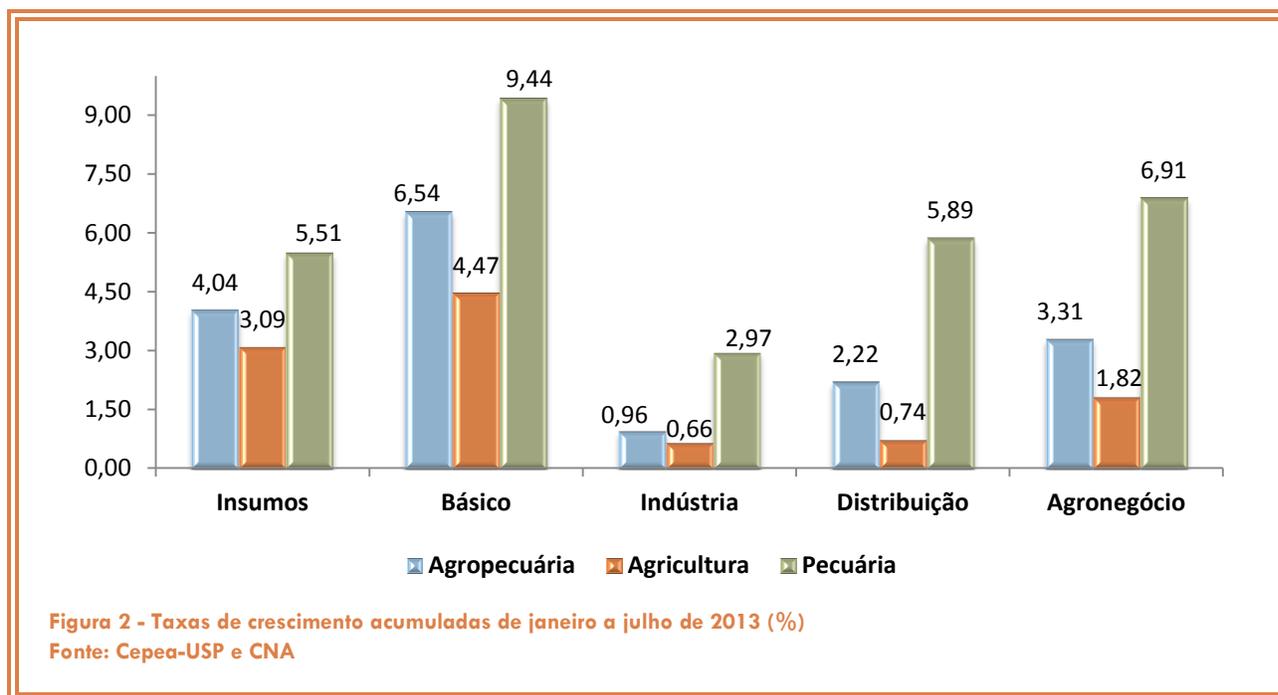
PECUÁRIA EM ALTA E AGRICULTURA EM QUEDA MARCAM AGRONEGÓCIO EM JULHO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), cresceu 0,13% em julho. O resultado positivo é reflexo do desempenho da pecuária, visto que a agricultura recuou no mês. Quanto aos segmentos do agronegócio, tiveram alta o básico (0,22%), o industrial (0,14%) e o de distribuição (0,09%). Já o segmento de insumos, manteve-se perto da estabilidade, com recuo de 0,01%. No acumulado de janeiro a julho o agronegócio avançou 3,31%, resultado impulsionado principalmente pelos segmentos básico e de insumos, que cresceram 6,54% e 4,04%, respectivamente. Para o segmento de distribuição a alta foi de 2,22%, e para o industrial de 0,96%, no mesmo período – Figuras 1 e 2 e Tabela 5.

O agronegócio da *agricultura* recuou em julho (0,32%), resultado do desempenho negativo de todos os segmentos da cadeia agrícola, com exceção da indústria – que teve leve alta de 0,02%. Para os segmentos básico, insumos e distribuição as quedas foram de 0,68%, 0,61% e 0,34%, respectivamente. Já em termos acumulados (janeiro a julho) o resultado foi favorável para a cadeia agrícola, com acréscimo de 1,82%, sendo 3,09% para o segmento de insumos, 4,47% para o básico, 0,66% para o industrial e 0,74% para distribuição.

A cadeia da *pecuária* manteve em julho o desempenho positivo observado desde janeiro – com crescimento de 1,20% no mês – acumulando 6,91% de elevação no período. O cenário favorável para o setor, no mês e na parcial do ano, reflete valorização de todos os segmentos. Em termos acumulados, o destaque é para o segmento básico, que cresceu 9,44%, seguido pela distribuição (5,89%), insumos (5,51%) e industrial (2,97%).





CUSTOS DO AGRONEGÓCIO SE MANTÊM ESTÁVEIS EM JULHO

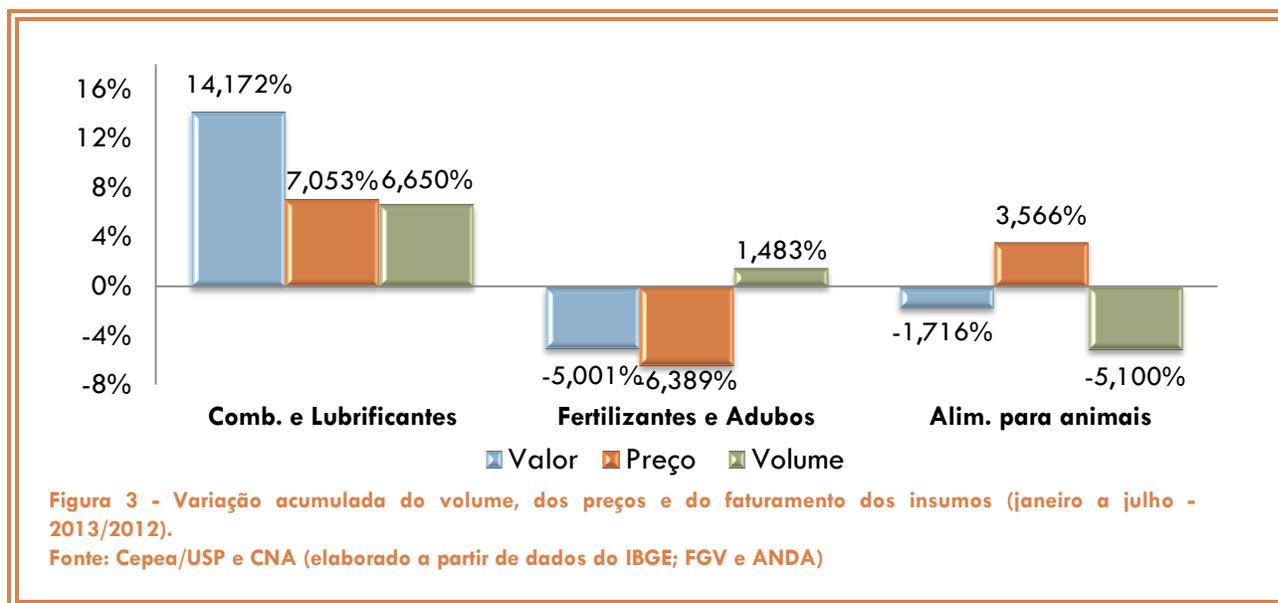
O segmento de insumos se manteve praticamente estável em julho, com queda de 0,01%, porém, no acumulado de janeiro a julho, apresentou alta de 4,04%. A queda no mês reflete o resultado negativo para a agricultura (0,61%), já que para a pecuária a variação mensal foi 0,90%. No acumulado, tanto na cadeia agrícola quanto na pecuária o segmento cresceu: 3,09% e 5,51%, respectivamente.

A alta no período é reflexo do setor de combustíveis, que dentre os acompanhados foi o único que cresceu, 14,17% de janeiro a julho de 2013 (em relação ao mesmo período do ano anterior). Na mesma comparação, os grupos das rações e de adubos/fertilizantes tiveram quedas de 1,72% e 5%.

Em relação aos combustíveis, os preços apresentaram alta de 7,05%, no acumulado do ano, em relação ao mesmo período de 2012. Ainda que as cotações tenham oscilado ao longo de 2013, aumentando no mês de julho, após recuarem de abril a junho, o patamar ainda se encontra em níveis recordes da série histórica da ANP, iniciada em janeiro de 2005. Já para a produção, o crescimento foi de 6,65%.

No segmento dos adubos e fertilizantes a produção cresceu 1,48% enquanto os preços caíram 6,39% em termos reais (na comparação entre janeiro a julho de 2013 e 2012). O aumento de volume é resultado da expectativa de antecipação das compras para a safra de verão 2013/2014 - em especial para o milho safrinha, e da ampliação da área cultivada no País. Já a queda considerável dos preços reflete as baixas externas (principalmente da ureia) que, por sua vez, estão atreladas ao recuo das cotações de *commodities* como soja, milho, café e açúcar no mercado global. Nem a valorização do dólar frente ao Real no período conseguiu recuperar esse cenário.

Para as rações, a queda no faturamento se relaciona à menor produção (5,1%), visto que o preço aumentou 3,57% no período (em relação ao mesmo período do ano anterior). Ainda que de janeiro a abril tenha sido observada retração nas cotações, nos meses seguintes houve uma reversão desta tendência e os preços cresceram. Ver Figura 3.



DESACELERAÇÃO NO TOMATE, MILHO E SOJA PRESSIONAM O PREÇO MÉDIO DA AGRICULTURA

Em julho, o segmento primário do agronegócio cresceu 0,22%, de modo que no acumulado dos sete primeiros meses de 2013 a alta foi de 6,54%. No mês, observou-se certa desaceleração do crescimento, em relação a junho, resultado do recuo de 0,68% do setor agrícola. Já para a cadeia pecuária, a alta foi de 1,44%. Em termos acumulados, o segmento primário cresceu nas duas cadeias do agronegócio: 4,47% para agricultura e 9,44% para pecuária (Tabela 5).

Para a agricultura, há expectativa de alta de 7,78% no faturamento, com o incremento de 8,83% da produção esperada para 2013 – dadas as estatísticas disponíveis até julho. Entretanto, para o preço médio das culturas o movimento foi de queda: 0,87% entre janeiro e julho de 2013 em relação ao mesmo período do ano anterior. Este cenário mostra uma reversão brusca no movimento de preços, visto que até o mês de junho o cenário era altista. Impactaram nesse resultado, principalmente, os desempenhos das culturas de soja, milho e tomate em julho. No caso do tomate, a expressiva alta de preços em 2013 seguia impulsionando o patamar médio de preços agrícolas até junho. No entanto, em julho, apresentou forte recuo, registrando o menor valor do ano. Para a soja e o milho, a variação negativa nas cotações, aliada à grande importância das culturas no contexto nacional, pressionou o patamar médio de preços. Em relação à soja, ainda que as cotações não tenham recuado em julho deste ano, quando em comparação ao mesmo período do ano anterior a relação foi de queda, visto que em julho de 2012 o preço do produto sofreu forte alta. Com isso, na comparação entre períodos a taxa real de variação do preço se tornou negativa ao se incluir os valores de julho. No caso do milho, houve recuo de preço neste mês, e alta em julho do ano passado, pressionando a variação na comparação entre os períodos.

As perspectivas de desempenho da agricultura para o ano, que tomam como base as estimativas de safra anual e os preços médios de janeiro a julho de 2013 (em comparação com o mesmo período de 2012), são apresentadas na Figura 4.

O desempenho positivo do segmento primário agrícola no período é reflexo da alta de faturamento esperada para as culturas: arroz (14,54%), batata (207%), feijão (0,72%), fumo (16,41%), mandioca (21,18%), milho (8,29%), soja (20,74%), tomate (54,6%), trigo (70,85%) e uva (17,16%). Entre as que se esperam maiores preços e quantidades este ano estão o arroz, o fumo, o tomate e o trigo. No caso da batata, do feijão, da mandioca e da uva, a expectativa de alta para a renda reflete o movimento favorável de preços, visto que o volume produzido deve recuar em 2013. Já para o milho e a soja, ocorre o efeito contrário: menores preços no ano e faturamento impulsionado pelo aumento esperado da produção.

Em relação ao tomate, o preço cresceu 54,6% na comparação entre períodos, após alcançar valores recordes no início de 2013. Tal variação, ainda que expressiva, é consideravelmente inferior à observada na comparação entre janeiro a junho de 2013 e 2012, pois o preço do fruto sofreu forte recuo em julho. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea,

impactou na queda das cotações o aumento do volume ofertado na primeira quinzena do mês, resultado do clima mais quente e que acelera a maturação dos frutos. Além disso, mesmo com redução de oferta na última quinzena do mês, não observou-se melhora nos preços, visto que no fim do mês há desaquecimento das vendas. Quanto ao volume, espera-se alta de 5,21%, revisão para cima da expectativa do mês anterior.

Para o trigo, na comparação entre períodos a alta do preço foi de 51%. Ainda que de janeiro a abril tenha ocorrido retração, a partir de maio essa tendência foi revertida, com o preço acelerando nos meses subsequentes. Em junho, as cotações do cereal tinham alcançado valores recordes em algumas regiões, e em julho atingiram novas máximas históricas, de acordo com pesquisadores do Cepea. Segundo a equipe Grãos/Cepea, problemas com as próximas temporadas argentina e brasileira levaram à continuidade do cenário altista de preços, ao afetar a expectativa dos compradores quanto à entrada destas safras no mercado.

No caso da batata, a alta do preço foi de 211%. Após atingir valor recorde em abril, o preço recuou em julho – 21% em relação a abril – mas, ainda assim, na relação entre períodos foi a valorização mais expressiva entre as culturas acompanhadas. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, o elevado patamar de preços praticados em 2013 reflete a menor oferta do produto no ano. Em termos de produção, espera-se redução de 1,24%, revisão para cima da estimativa anterior.

Para a soja, o preço recuou 1,61% em termos reais, na comparação entre janeiro a julho de 2013 e 2012, como resultado da forte valorização ocorrida em julho/12 (17% em relação a junho/12). Neste ano, o preço seguiu em queda de janeiro a abril, mas voltou a crescer nos meses seguintes e se manteve praticamente estável em julho. Em volume, a safra brasileira de soja em grãos está estimada em 81,45 milhões de toneladas, 22,71% acima da anterior.

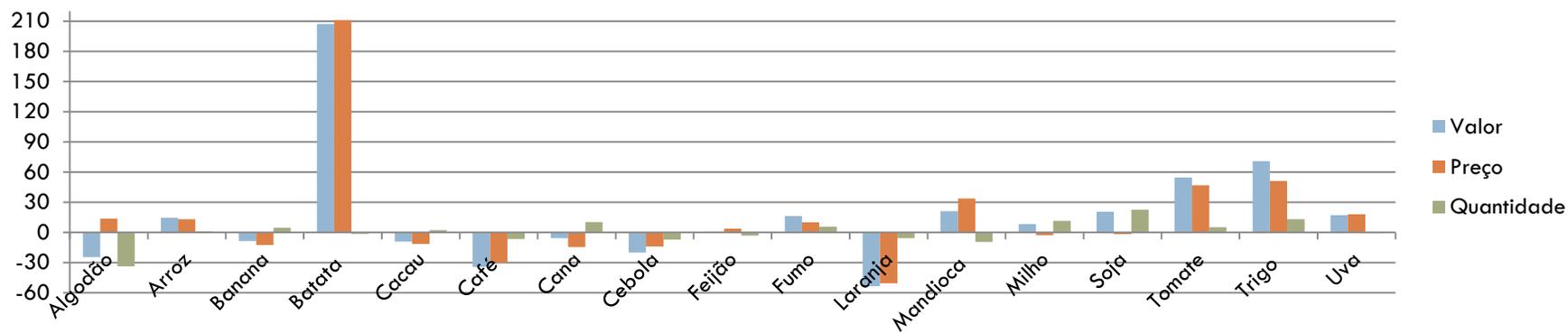
Em relação ao milho, espera-se alta de 11,46% no volume produzido para 2013, com estimativa de safra recorde (81,34 milhões de toneladas). Do total produzido 42,6% é do cereal de primeira safra, e 57,4% de segunda. De acordo com informações do IBGE, produtores têm investido no milho de segunda safra por apresentar bons preços na ocasião da decisão de plantio, e por responder bem em sucessão à soja. Já para o preço, a redução foi de 2,84% na comparação entre períodos. Em julho, o Indicador de Preços do Milho ESALQ/BM&FBovespa, foi de R\$ 24,99/saca de 60 kg – 5,5% inferior aos R\$ 26,45 de junho.

Espera-se ainda retração do faturamento para: algodão (24,59%), banana (8,6%), cacau (9,16%), café (34,33%), cana (5,66%), cebola (20%) e laranja (53,37%). Entre as que enfrentam os piores cenários estão a laranja, o café e a cebola, culturas para as quais se espera recuo de preços e volume no ano. Para os demais produtos acompanhados, apenas a redução do faturamento do algodão é resultado de queda na produção. Para a banana, o cacau e a cana é a baixa nos preços que pressiona o faturamento.

A laranja se mantém com o pior desempenho entre as culturas acompanhadas, com redução de preço de 50,57%, e expectativa de retração de 5,66% no volume produzido. Segundo pesquisadores do Cepea, em 2012, os citricultores paulistas vivenciaram um dos seus piores anos, e os efeitos dessa crise se estenderam em 2013. A produção paulista (nas safras 2011/12 e 2012/13) muito acima do potencial de consumo de suco de laranja apresentado pela Europa e Estados Unidos, resultou em ampliação dos estoques nacionais de suco, pressionando os preços pagos ao produtor. Assim, muitos citricultores não conseguiram nem mesmo escoar partes da produção na temporada 2012/13, devido à redução do volume de compras de laranja pela indústria, o que ampliou o endividamento e levou muitos produtores a saírem da atividade.

Em relação ao café, a redução no preço foi de 29,79% na comparação entre os acumulados dos anos. A cotação do produto, além de estar em patamar inferior ao observado em 2012, seguiu consistente tendência de queda ao longo de 2013, apresentando leve aumento apenas em julho (0,7% em relação a junho), após nove meses de quedas consecutivas. De acordo com pesquisadores do Cepea, a retração vendedora foi responsável pela valorização no mês. A produção esperada para o ano também caiu (6,46%), como resultado, principalmente, da redução na produção do café arábica, pressionada pelo ciclo de baixa bienalidade na maioria das áreas cultivadas, pelo regime irregular de chuvas e pelas altas temperaturas.

Para o algodão, a pressão sobre o faturamento reflete a baixa da produção esperada, em 33,74%, relacionada a condições climáticas desfavoráveis no início do cultivo da segunda safra, que levaram produtores a migrar para o milho de segunda safra. O preço, que desacelerou em maio e junho, voltou a subir em julho, com alta de 13,81% na comparação entre janeiro a julho de 2013 e 2012. Segundo pesquisadores do Cepea, o aumento da cotação em julho foi resultado dos maiores valores internacionais no início do mês.



	Algodão	Arroz	Banana	Batata	Cacau	Café	Cana	Cebola	Feijão	Fumo	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
Valor	-24,59	14,54	-8,60	207,16	-9,16	-34,33	-5,66	-20,01	0,72	16,41	-53,37	21,18	8,29	20,74	54,60	70,85	17,16
Preço	13,81	13,11	-12,61	211,00	-11,30	-29,79	-14,43	-13,98	3,80	10,05	-50,57	33,76	-2,84	-1,61	46,94	51,09	18,12
Quantidade	-33,74	1,27	4,59	-1,24	2,42	-6,46	10,25	-7,01	-2,97	5,77	-5,66	-9,40	11,46	22,71	5,21	13,08	-0,81

Figura 4 – Variação percentual acumulada do volume, dos preços e do faturamento das Lavouras (janeiro a julho) – 2013/2012

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea e Seagri/BA)

Para a cadeia pecuária, espera-se crescimento de 16,73% do faturamento médio em 2013, resultado de maiores preços – alta de 10% na comparação entre períodos – e da expectativa de crescimento da produção (6,41%) – ver Figura 5.

Dentre as atividades acompanhadas, a avicultura é o destaque positivo, com o crescimento mais expressivo do faturamento, 33,71%. Este desempenho é reflexo da alta de preços, de 27,57% no período, e da quantidade produzida (4,82%). Destaca-se que, ainda que os preços em 2013 estejam elevados em relação a 2012, apresentaram consistente redução de janeiro a junho. De acordo com a União Brasileira de Avicultura (Ubabef), a desvalorização do frango vivo ao longo de 2013 (até meador de junho) foi a maior “queda livre” já registrada. Em julho, no entanto, a tendência foi revertida, e o preço apresentou alta. Em São Paulo, o frango vivo foi comercializado pelo preço médio de R\$ 2,07/kg – patamar recorde para um mês de julho, de acordo com o Cepea. O cenário favorável de preços, associado à queda nas cotações dos principais insumos da atividade (milho e farelo de soja), favoreceu o poder de compra do avicultor.

No mercado de suínos, a alta esperada no faturamento (25,57%) ocorreu via preços, 22,31%, e volume, 1,03%. No entanto, ainda que se encontre em patamar relativamente superior, o preço do suíno seguiu em desaceleração no decorrer do ano, apresentando alta apenas em junho (quando consideradas as médias mensais). No mês de julho, em contrapartida, houve queda de 4,6% em relação a junho, ainda que a cotação do suíno vivo tenha aumentado no decorrer do mês. Segundo pesquisadores do Cepea, especialmente na última semana, devido ao aumento das exportações, os estoques acumulados nos frigoríficos diminuíram e a demanda se fortaleceu com o clima mais frio.

Para a atividade leiteira, espera-se um aumento de 7,82% no faturamento, resultado de maiores preços (4,92%) e volume produzido (2,76%). O preço do leite pago ao produtor seguiu consistente movimento de alta ao longo do ano, tendência mantida no mês de julho. Segundo pesquisadores do Cepea, a alta no último mês está atrelada à demanda aquecida, visto que houve aumento da captação.

Na bovinocultura de corte, a expectativa é de aumento de 8,9% no faturamento em 2013, devido à expansão na produção anual esperada (11,27%). Para o preço, a redução foi de 2,13%, em termos reais, ainda que ao longo do período tenha apresentado movimentos de alta nominal. De acordo com pesquisadores do Cepea, a alta em julho associou-se à menor oferta, tanto de animais para reposição quanto para abate.

No mercado de ovos, o faturamento em 2013 deve aumentar em 16,15%, via acréscimo de preços (15,89%) e ligeiro aumento de quantidade produzida (0,22%).

Veja na Figura 5 a variação dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2013, no comparativo com 2012.

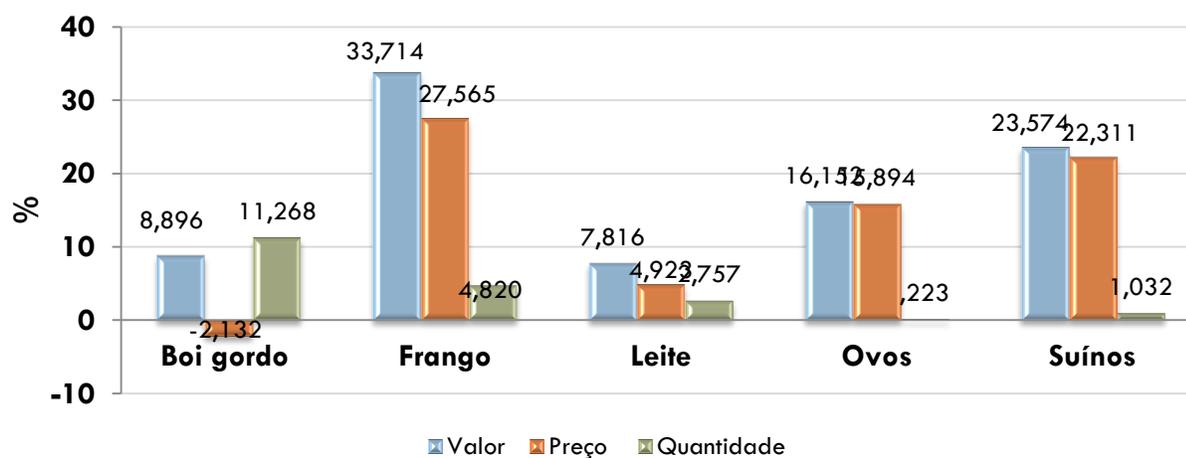


Figura 5. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (janeiro a julho) – 2013/2012

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados da Cepea, FGV e IBGE)

INDÚSTRIA VOLTA A CRESCER EM JULHO

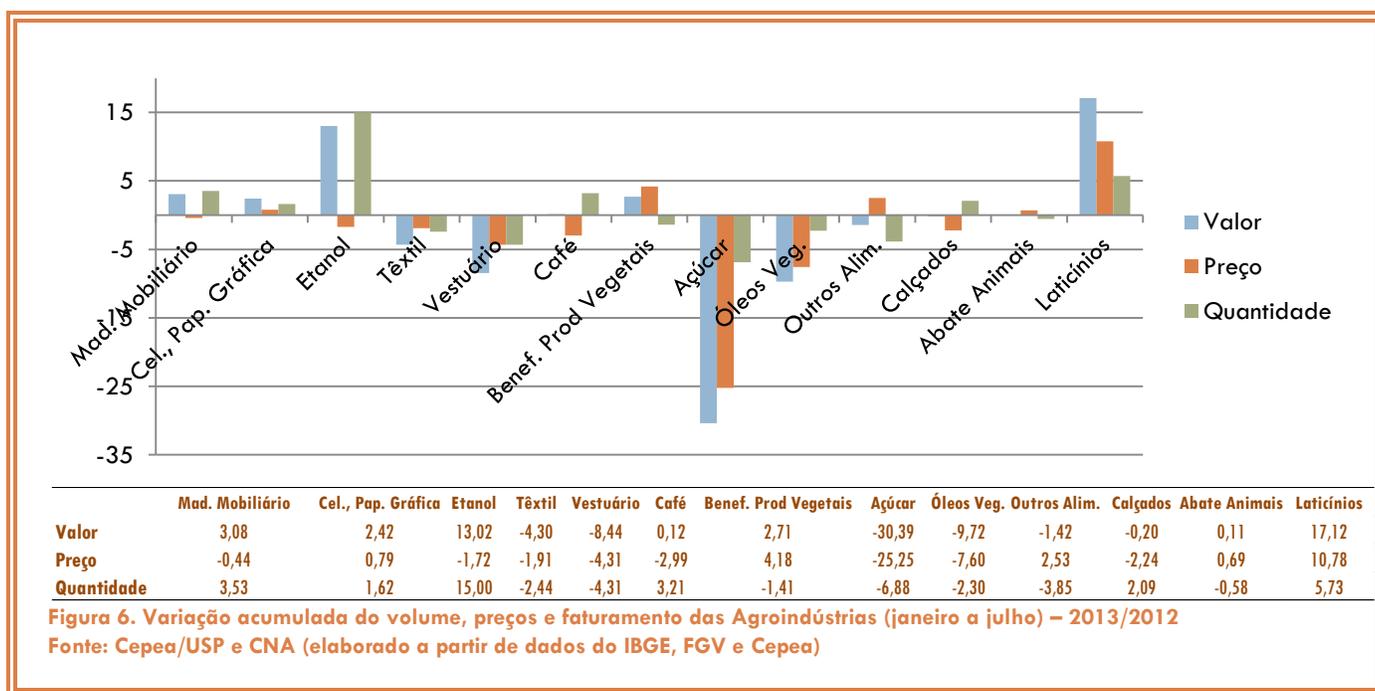
O segmento industrial do agronegócio cresceu 0,14% em julho, acumulando alta de 0,96% na parcial de 2013. Para a indústria agrícola, o desempenho foi mais modesto: alta de 0,02% em julho e 0,66% no acumulado do período. Já para a indústria de base pecuária, a elevação no mês foi de 0,97%, e no ano de 2,97% – Ver Tabela 5.

Considerando a variação no mês, as indústrias de base agrícola que cresceram foram na sequência: etanol (1,18%); madeira e mobiliário (0,30%); café (0,13%); celulose, papel e gráfica (0,11%) e outros alimentos (0,03%). Entre elas, houve retração (0,85%) no ano apenas para a de outros alimentos. As demais apresentaram alta também no acumulado do período, com destaque para a indústria do etanol, com alta de 7,4%.

A indústria de celulose, papel e gráfica foi a única a apresentar cenário favorável tanto para preço (0,79%) quanto para o volume produzido (1,62%). Já para madeira e mobiliário, etanol e café, o aumento do faturamento esperado ocorre via produção, visto que os preços no período caíram – Ver Figura 5 e Tabela 6.

No mês, as indústrias de base agrícola que recuaram foram: têxtil (0,15%), vestuário (0,20%), beneficiamento de produtos vegetais (0,72%), açúcar (2,37%) e óleos vegetais (2,77%). Com exceção da indústria de beneficiamento de produtos vegetais, todas as demais tiveram queda também na parcial de 2013, com pior desempenho para a indústria do açúcar com queda de 19% de janeiro a julho. O resultado negativo da indústria açucareira é reflexo da consistente queda no preço do produto, que ocorre desde 2012 e foi acentuada em 2013, resultado do superávit mundial do produto. Na comparação entre janeiro a julho de 2013 e 2012 a redução de preços foi de 25,25%, mas, vale destacar, que houve alta em julho/13. Segundo pesquisadores do Cepea, a oferta ao longo do mês foi suficiente para atender às demandas, mas, na última semana, com o mercado internacional proporcionando melhor remuneração que as vendas no spot paulista (reajuste para baixo no custo de frete e elevação do navio), as usinas mantiveram postura firme na venda. Com o movimento baixista de preço, uma menor parcela da safra de cana-de-açúcar tem se destinado à produção açucareira e, com isso, estima-se uma redução de 6,88% da produção de açúcar neste ano.

Na Figura 5, são apresentadas as variações do volume, dos preços reais e do valor do faturamento das principais agroindústrias (de base agrícola e pecuária) em 2013 na comparação com 2012.



Dentre as atividades de processamento animal, a indústria de laticínios tem destaque, no mês a alta foi de 2,78% e no ano de 9,66%. Na comparação entre períodos o preço cresceu 10,78% e houve alta de 5,73% na produção. De acordo com pesquisadores do Cepea, a oferta de matéria-prima abaixo da demanda (mesmo com maior captação), que se manteve aquecida, impulsionou as cotações, principalmente do leite UHT e do queijo muçarela – para os quais o preço nominal em julho atingiu patamar recorde das respectivas séries históricas.

A indústria de calçados também cresceu no mês (0,80%), mas no acumulado, o resultado ainda é negativo, queda de 0,13%. Impactou no resultado anual a redução de preços (2,24%), visto que a quantidade produzida aumentou em 2,09%. A indústria do abate cresceu 0,1% no mês, acumulando alta de 0,32% de janeiro a julho (Figura 5 e Tabela 6).

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio nacional cresceu 0,09% em julho, e acumulou alta de 2,22% no período. Para a distribuição vegetal, o resultado mensal foi negativo (0,34%), mas no ano a alta foi de 0,74%. Em relação ao setor pecuário, a elevação foi de 1,11% no mês e 5,89% de janeiro a julho (em relação ao mesmo período de 2012).

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro cresceu em julho (0,13%), assim como no acumulado dos sete primeiros meses de 2013 (3,31%). O resultado foi ocasionado pelo recuo no setor agrícola (0,32%) em paralelo à alta de 1,2% na pecuária. Em termos acumulados, o resultado é positivo tanto para a agricultura quanto para pecuária, com altas de 1,82% e 6,91%, respectivamente.

O desempenho do segmento primário seguiu como destaque positivo no período, com alta de 6,54%, sendo 9,44% referentes à pecuária básica, e 4,47% à agricultura. Para a cadeia pecuária, espera-se aumento de 16,73% no faturamento para 2013, expansão que deve ocorrer via preços (que aumentaram 10% na comparação entre períodos) e volume produzido (expansão esperada de 6,41% para o ano). Já para a cadeia agrícola, a expectativa é que o faturamento no ano aumente 7,78%, resultado do crescimento em volume esperado (8,83%), visto que os preços caíram no período (0,87%).

Este menor patamar dos preços agrícolas demonstra reversão da tendência vista até junho, quando o movimento nas cotações era altista. Tal variação é reflexo, principalmente, de efeitos de preço das culturas de soja, milho e tomate. Este resultado é refletido diretamente no consumidor. De acordo com o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desacelerou para 0,03% em julho (após atingir 0,26% em junho), pressionado pela variação negativa do grupo de gastos com alimentação, o mais importante no orçamento das famílias, com peso de 24,65% no índice. Foi a primeira queda no grupo desde julho de 2011, com retração de 0,33% e impacto ponderado de -0,08%. Entre os produtos agrícolas que compõe o índice, as desvalorizações mais expressivas foram do tomate e da cebola.

O cenário mais favorável entre culturas foi registrado para a batata, o trigo e o tomate (que mesmo desacelerando em julho se manteve com expressiva alta no ano). Já a laranja, enfrenta a realidade anual mais crítica, com movimento baixista de preço e redução esperada na produção. Além disso, um agravante à situação da laranja decorre de um momento desfavorável que se mantém duradouro.

Na pecuária, os setores com destaque são os de suínos e aves, para os quais se espera aumento do faturamento de 23,57% e 33,71%, respectivamente. Salienta-se, no entanto, que apesar dos preços do suíno e do frango vivo se encontrarem elevados, na comparação com os sete primeiros meses de 2012, apresentaram consistente redução ao longo de 2013. Para o frango, essa tendência foi revertida em julho, e o preço médio de comercialização em São Paulo atingiu patamar recorde para o mês. Já em relação ao suíno, ainda que o preço tenha subido ao longo de julho, em termos médios houve novamente redução.

O segmento industrial voltou a crescer no mês, após recuar nos dois anteriores. Para o segmento, a alta em julho foi de 0,14% e no acumulado do ano de 0,96%. A indústria do açúcar seguiu com situação mais frágil, e a do etanol com o cenário mais favorável entre as acompanhadas.

Tabela 5 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2012/2013	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário (A)	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global ^(B)
Julho	0,11	0,17	-0,50	-0,25	-0,16
Agosto	0,47	0,26	-0,53	-0,36	-0,14
Setembro	0,11	0,30	-0,74	-0,35	-0,22
Outubro	0,17	0,47	0,28	0,28	0,32
Novembro	0,45	0,60	1,83	0,98	1,05
Dezembro	-0,03	0,12	0,47	0,33	0,27
Janeiro	1,17	1,66	0,29	0,73	0,92
Fevereiro	0,95	1,46	0,10	0,46	0,70
Março	0,72	1,01	0,32	0,39	0,59
Abril	0,69	1,21	0,99	0,88	0,99
Maiο	0,20	0,22	-0,80	-0,32	-0,24
Junho	0,27	0,60	-0,08	-0,03	0,18
Julho	-0,01	0,22	0,14	0,09	0,13
Acum. no Período (2013)	4,04	6,54	0,96	2,22	3,31

Obs.: (A) Somente a agropecuária; (B) Todo o Agronegócio da Agropecuária.

2012/2013	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário ^(C)	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global ^(D)
Julho	0,25	0,44	-0,48	-0,21	-0,11
Agosto	0,72	0,48	-0,40	-0,22	-0,03
Setembro	0,23	0,51	-0,76	-0,37	-0,24
Outubro	-0,10	0,25	0,30	0,20	0,21
Novembro	0,56	0,77	2,19	1,44	1,45
Dezembro	0,00	0,11	0,65	0,62	0,45
Janeiro	0,95	1,40	0,34	0,64	0,75
Fevereiro	0,93	1,25	0,08	0,25	0,50
Março	0,93	1,16	0,32	0,32	0,58
Abril	0,42	0,78	1,05	0,75	0,83
Maiο	0,21	-0,01	-0,96	-0,61	-0,50
Junho	0,24	0,50	-0,17	-0,28	-0,01
Julho	-0,61	-0,68	0,02	-0,34	-0,32
Acum. no Período (2013)	3,09	4,47	0,66	0,74	1,82

Obs.: (C) Somente a agricultura; (D) Todo o Agronegócio da Agricultura.

2012/2013	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(E)	Indústria	Distribuição	Agronegócio Global ^(F)
Julho	-0,11	-0,19	-0,63	-0,36	-0,29
Agosto	0,09	-0,06	-1,39	-0,71	-0,41
Setembro	-0,08	0,00	-0,58	-0,30	-0,18
Outubro	0,59	0,78	0,19	0,48	0,58
Novembro	0,27	0,35	-0,53	-0,13	0,08

Dezembro	-0,07	0,14	-0,77	-0,38	-0,17
Janeiro	1,50	2,01	-0,08	0,94	1,34
Fevereiro	1,00	1,76	0,22	0,96	1,20
Março	0,38	0,82	0,36	0,56	0,62
Abril	1,11	1,82	0,63	1,20	1,37
Mai	0,17	0,52	0,29	0,37	0,39
Junho	0,32	0,74	0,56	0,60	0,61
Julho	0,90	1,44	0,97	1,11	1,20
Acum. no Período (2013)	5,51	9,44	2,97	5,89	6,91

Obs.: (E) Somente a pecuária; (F) Todo o Agronegócio da Pecuária.

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 6 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2012

2012/2013	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Julho	0,00	0,27	-2,17	-0,57	-1,27	0,08
Agosto	-0,16	0,09	-0,75	-0,48	-1,90	0,20
Setembro	-0,28	0,33	-3,33	-0,14	-1,58	-0,03
Outubro	0,49	0,16	1,18	0,43	-1,25	-1,01
Novembro	0,35	0,69	9,98	0,14	-2,02	-1,22
Dezembro	0,01	-0,23	2,76	0,44	0,48	3,69
Janeiro	0,16	0,33	0,22	-0,59	-1,26	-0,06
Fevereiro	0,22	0,21	1,10	-0,56	-1,17	-0,10
Março	0,12	0,25	2,47	-0,52	-1,18	-0,07
Abril	0,74	0,15	4,33	-0,07	-0,54	0,04
Mai	0,06	0,19	-3,53	-0,28	-0,60	0,15
Junho	0,16	0,14	1,58	-0,38	-0,17	-0,02
Julho	0,30	0,11	1,18	-0,15	-0,20	0,13
Acum. no Período (2013)	1,78	1,39	7,40	-2,53	-5,01	0,07

2012/2013	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Julho	-0,27	-3,44	1,83	0,14	-0,55	-0,11	-1,80
Agosto	-1,96	-1,82	2,14	0,06	-0,96	-1,05	-2,28
Setembro	0,89	-5,95	1,56	-0,28	-0,77	-0,62	-0,44
Outubro	-0,25	1,88	0,48	0,00	0,50	0,24	-0,01
Novembro	-0,54	10,66	0,79	-0,29	0,19	-0,79	-0,17
Dezembro	-0,76	7,17	1,02	-0,88	0,23	-1,23	-0,06
Janeiro	1,65	-1,76	1,55	0,32	-0,57	-0,19	0,31
Fevereiro	-0,90	-1,85	1,00	-0,04	-0,51	-0,06	1,02
Março	-0,33	-2,36	-0,38	-0,22	-0,61	0,07	1,27
Abril	2,26	-2,30	-1,91	-0,22	0,18	0,35	1,35
Mai	0,71	-3,23	-1,73	-0,36	0,25	-0,03	0,96

Junho	-1,02	-6,85	-1,77	-0,37	0,34	0,09	1,60
Julho	-0,72	-2,37	-2,77	0,03	0,80	0,10	2,78
Acum. no Período (2013)	1,60	-19,05	-5,94	-0,85	-0,13	0,32	9,66

Fonte: CEPEA-USP e CNA

